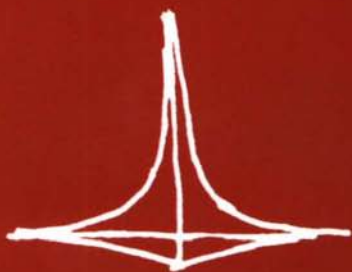


Oscar Niemeyer

Minha experiência em Brasília



Documento histórico

Esta é a quarta edição deste livro que se tornou uma referência histórica na bibliografia brasileira. Com primeira edição em 1961, pela Editorial Vitória, seu texto e suas imagens nos trazem portanto o viço de Brasília ao nascer, o calor da luta para erguê-la, o entusiasmo e o espírito de humanismo e patriotismo que animaram Oscar Niemeyer e todos os que se empenharam para tornar realidade aquela façanha extraordinária, que foi construir em três anos uma nova e bela capital para o Brasil.

Com o golpe de Estado de 1964, naturalmente, o livro foi para o index dos governos militares. Mas, tão logo estes começaram a perder força, em 1980, a Avenir Editora fez dele a segunda edição, que logo se esgotou e foi reimpressa. A decepção com os governos civis que sucederam aos militares, todavia, esvaziou o impulso que empolgou o país na luta pelos direitos democráticos.

A Avenir Editora, que vinha realizando um excelente trabalho de edição de obras voltadas para a busca da democracia e do interesse nacional, foi entretanto vítima do desencanto da

Minha experiência em Brasília

www.qualislivros.com.br www.
qualislivros.com.br www.quali
slivros.com.br www.qualislivro
com.br www.qualislivros.com.
br www.qualislivros.com.br ww
w.qualislivros.com.br www. qu
islivros.com.br www.qualislivi
s.com.br www.qualislivros.com
br **www.qualislivros.com.br** ww
w.qualislivros.com.br www.qu
islivros.com.br www.qualislivi
ps.com.br www.qualislivros.cc
br www.qualislivros.com.br w

Oscar Niemeyer

Minha experiência em Brasília



Editora Revan

Copyright © 2006 by Oscar Niemeyer

Todos os direitos reservados no Brasil pela Editora Revan Ltda.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por
meios mecânicos, eletrônicos ou via cópia xerográfica, sem a
autorização prévia da Editora.

Revisão

Fernando Braga
Roberto Teixeira

Capa

Alexandre Gosi
Fabio Lima
Rafaela Signoretti

Desenhos

Oscar Niemeyer

Impressão

(Em papel Starmax matte 115g. após paginação eletrônica, em tipo Arial, c. 14/16,5)
Divisão Gráfica da Editora Revan

CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

N575m

4ª ed.

Niemeyer, Oscar, 1907-

Minha experiência em Brasília / Oscar Niemeyer. – 4ª.ed. – Rio de Janeiro: Revan,
2006. il. 1ª ed., 1961, Editorial Vitória; 2ª ed., 1980, Avenir Editora; 3ª ed., 1999,
Bloch.

56p.

ISBN 85-7106-338-9

1. Niemeyer, Oscar, 1907-. 2. Arquitetos – Brasil - Biografia. 3. Arquitetura –
Brasília (DF). 4. Brasília (DF) – História. 5. Arquitetura – Brasil. I. Título.

06-0546.

CDD 720.98174

CDU 72.036(817.4)

13.02.06 16.02.06

013321

Prefácio

Nunca tive a idéia de fazer um livro sobre Brasília. Obrigado pela profissão, iniciei uma série de artigos esclarecendo o nosso trabalho, nossas dificuldades e atropelos, artigos que se foram somando, ampliando, até sugerirem a alguns amigos a possibilidades de os organizar em forma de livro que permanecesse como um documento honesto e espontâneo do empreendimento. Não se trata, portanto, de livro com pretensões históricas ou literárias, mas da experiência de um arquiteto que durante três anos acompanhou com amor e interesse a construção da cidade, procurando contribuir, juntamente com milhares de brasileiros, para essa obra justa e necessária.

Para dar ao texto um sentido mais vivido, incluí alguns episódios que me marcaram a sensibilidade, aspectos característicos de Brasília, emoções e angústias que a todos assaltavam, quando a cidade crescia, bela e civilizada, em pleno deserto.

Referi-me especialmente apenas a Juscelino Kubitschek e Israel Pinheiro, que conduziram o empreendimento, deixando de aludir a outros companheiros, velhos e queridos amigos do D.U.A. (Departamento de Urbanismo e Arquitetura), a fim de não criar como que uma escala de valores ou de preferência. Realmente, a todos devo colaboração e amizade, tendo procurado corresponder como o maior afeto à estima e ao concurso que me dispensaram, dentro das fraquezas do meu temperamento, tantas vezes impulsivo e contraditório.

1

Brasília representa para todos que nela colaboraram uma experiência tão cheia de lutas e ensinamentos que nunca poderá ser esquecida. Isso senti desde os primeiros contatos com o problema, desde os primeiros estudos realizados, convicto de que se tratava de uma tarefa gigantesca e necessária, de uma tarefa fundamental para o nosso país. Entretanto, a grande experiência foi, sem dúvida, permanecer em Brasília e participar, como milhares de brasileiros, dessa longa aventura, da qual – como todos eles – guardo uma grande saudade. Não se tratava apenas de uma oportunidade profissional, embora da maior importância, mas de um movimento coletivo, de um empreendimento extraordinário que suscitava e exigia devoção e entusiasmo, unindo os que dele participaram numa verdadeira cruzada para superar obstáculos, oposições, incompreensões e contratempos, os mais duros e inesperados. Tínhamos, na verdade, uma tarefa a cumprir e desejávamos fazê-lo no prazo estabelecido. E isso, precisamente, criou um espírito de luta, uma determinação que antes desconhecíamos, estabelecendo entre chefes e subordinados, operários e engenheiros, um denominador comum que a todos nivelava, uma afinidade natural que as diferenças de classe, ainda existentes entre nós, tornam quase impossível de estabelecer-se.

Lembro-me, com admiração, do entusiasmo com que Juscelino Kubitschek conduziu o empreendimento durante três anos, lutando decididamente contra a oposição mais obstinada, promovendo reuniões, organizando e criando os meios de realizar a obra sonhada, batalhando sem desfalecimento, diariamente, contra todos os obstáculos. Entusiasmo que se estendeu a todos os seus auxiliares, como um exemplo, uma palavra de ordem e de fé, fazendo com que cada um se desdobrasse nas tarefas dele recebidas, tarefas que acompanhava atento, com desvelo e compreensão. Esse o espírito que prevaleceu em Brasília e que os operários – vindos de lugares os mais longínquos – assimilaram com um poder de adaptação e sacrifício admiráveis, verdadeiros e modestos heróis dessa esplêndida jornada. A eles se equiparam os empreiteiros de Brasília, que, longe de todos os recursos, souberam com dedicação cumprir as respectivas obrigações dentro dos prazos – curtos demais – que lhes foram impostos, construindo, por exemplo, o Palácio Alvorada em doze meses, tempo em regra exigido para a construção de uma simples residência, assim como o Palácio do Congresso, em que a estrutura arrojada de Joaquim Cardozo¹ não constituiu empecilho nem motivo de atraso na execução da obra.

Comecei a pensar em Brasília certa manhã – setembro de 1956 – quando Juscelino Kubitschek, descendo do seu carro na Estrada da Gávea, parou no meu portão e, levando-me para a cidade, expôs o problema. Minha primeira reação correspondeu ao interesse que essa obra representava, interesse profissional e afetivo, pois via nela empenhado o velho amigo a quem me ligavam outros trabalhos, outras dificuldades e uma antiga e fiel amizade. Daí em diante passei a viver em função de Brasília.

Dos primeiros tempos confesso guardar ainda uma certa amargura. Foram os dias dedicados ao estudo das condições para a escolha do Plano Piloto de Brasília, por meio de concurso, solução que teve meu total apoio, pois já havia, antes, recusado o convite feito por Juscelino Kubitschek para elaborar aquele projeto, aceitando, apenas, a incumbência dos projetos dos prédios governamentais. Embora realizado honestamente, o resultado do concurso desgostou alguns dos interessados, provocando a paixão com que muitos se deixaram marcar. Ainda me vêm à lembrança certos incidentes, certas passagens que me fizeram descrever de muita coisa. Pela primeira vez senti como é forte a competição profissional e como a muitos domina, fazendo-os desprezar amizades e compromissos, em função exclusiva de uma ambição ilimitada. Mas senti, ainda, que aos inconformados faltava uma concepção mais realista de vida, que os situasse dentro da fragilidade das coisas, tornando-os mais simples, humanos e desprendidos. Não sou dos que só vêm o lado negativo dos homens; em tudo encontramos uma parcela positiva e favorável, e isso me permitiu compreendê-los sem ressentimentos.

Com a escolha do projeto de Lúcio Costa², a situação se esclareceu. Não se tratava apenas de um homem puro e sensível, mas também de um grande amigo com o qual me poderia entender.

Os projetos iniciais de Brasília foram elaborados na antiga sede da NOVACAP³, na Avenida Almirante Barroso, Rio de Janeiro.

Minha preocupação era encontrar – sem limitações funcionalistas – uma forma clara e bela de estrutura que definisse e caracterizasse os edifícios principais – os palá-

cios propriamente ditos – dentro de critério de simplicidade e nobreza, indispensável. Mas preocupava-me, fundamentalmente, que esses prédios constituíssem qualquer coisa de novo e diferente, que fugisse à rotina em que a arquitetura atual vai melancolicamente se estagnando, de modo a proporcionar aos futuros visitantes da Nova Capital uma sensação de surpresa e emoção que a engrandecesse e caracterizasse. Lembrava-me da Praça de São Marcos⁴ na Itália, com o Palácio dos Doges, da Catedral de Chartres⁵, de todos esses monumentos que acabava de conhecer, obras que causam um impacto indescritível pela beleza e audácia com que foram realizadas, sem contribuir para a emoção razões técnicas ou funcionais. É a beleza plástica apenas que atua e domina, como uma mensagem permanente de graça e poesia.

Com relação aos outros prédios – os prédios urbanos – desejava estabelecer uma disciplina que preservasse a unidade dos conjuntos, fixando para os mesmos normas e princípios, com o objetivo de evitar, entre outros inconvenientes, as tendências formalistas que vêm desvirtuando a arquitetura brasileira. Com essa intenção, organizamos, mais tarde, um serviço especial de aprovação de plantas, onde, intransigentemente, mantivemos esse critério, recusando as soluções que pudessem comprometer a arquitetura da cidade e estabelecer precedentes lamentáveis, pela repetição de formas características dos prédios governamentais ou outras que se revelassem exóticas e desproporcionadas.

2

Em junho de 1958, começamos a sentir a conveniência de mudar para Brasília, a fim de exercer fiscalização direta sobre as construções em andamento e dar ao trabalho, inclusive aos novos projetos, o ritmo contínuo e acelerado que somente um regime de tempo integral poderia garantir. Com esse objetivo chegamos a Brasília numa manhã de agosto. Éramos quinze. Todos amigos, todos guiados pelo mesmo idealismo. Primeiro nos veio a depressão da mudança, muitos de nós saídos de uma cidade adiantada para aquele sertão imenso. Depois, a nostalgia da distância, a ausência da família e dos amigos, do ambiente em que vivíamos, daí decorrendo problemas, os mais íntimos e irreprimíveis. Receávamos sempre receber notícia de algum acontecimento triste e irreparável. Isso, com o tempo, forçosamente teria de ocorrer. A primeira partiu de Brasília, e a recebi em viagem, ainda em Belo Horizonte. Foi a morte do nosso querido amigo Walter Garcia Lopes⁶ – o Eça –, que conosco viera para Brasília, começando cheio de entusiasmo uma nova vida, que o destino brutalmente cortou. Depois, a morte de Bernardo Sayão⁷, grande companheiro. Finalmente, um chamado do Rio levou-me, desolado, a abraçar meu pai pela última vez.

Não podemos dizer que as condições encontradas fossem satisfatórias.

Contudo, prevaleceram, com surpresa, um entusiasmo, uma determinação e um espírito esportivo que afastaram todas as dificuldades. Sentíamos, por outro lado, que colaborávamos numa obra importante; uma cidade que surgia como uma flor naquela terra agreste e deserta.

Esse sentimento nos permitiu ajudar a concluir em três anos uma tarefa notável pelas suas proporções e complexidade, compreendendo a abertura de estradas e avenidas, a construção de palácios, apartamentos, escolas, mercados, residências, igrejas etc. Sabíamos das dificuldades que teríamos de enfrentar, das incompreensões que nosso trabalho provocaria; contra tudo lutamos resolutamente, certos de que somente assim daríamos a colaboração esperada, somente assim manteríamos o espírito de unidade indispensável.

Lembro-me desses primeiros tempos que passei em Brasília e recorro as terras quase virgens, cobertas de lama, sulcadas pelas chuvas que derramavam pelo planalto de forma assustadora, e depois, no período da seca, da poeira que tudo avermelhava, entrando-nos pela pele, insistente e impalpável. Vejo-me nas primeiras viagens que fiz de Belo Horizonte a Brasília, viagens que programava para dois dias e se estendiam por quatro, aos solavancos, em estradas que mais pareciam atalhos, incidindo em erradas, dormindo exausto em Belo Horizonte, Pirapora, Paracatu e muitas vezes na própria rodovia. E fico satisfeito ao lembrar como sabíamos, meus companheiros e eu, transformá-las aquelas viagens em verdadeiras aventuras, tirando dos obstáculos que surgiam um novo e inesperado sabor, tomando banho de rio enquanto aguardávamos a vinda do balseiro, ou permanecendo à noite no carro, em alegres conversas, apesar das dúvidas que nos assaltavam, não vendo passar um só veículo, como se esti-

véssemos em caminho errado, perdidos e abandonados naquele sertão. Hoje, quando viajo pela nova estrada, todos esses incidentes tomam aspecto diverso e maior relevância, diante da rodovia fabulosa que nos convida a correr mais e que estou certo irá redimir o planalto, trazendo-lhe, sem demora, o progresso de que tanto necessita.

Ocorre-me, então, que outras providências deveriam ser tomadas, protegendo as terras que a ladeiam, de forma a impedir que os latifundiários aí se estabeleçam, para retê-las abandonadas por longos anos, à espera da valorização, ou que o interesse de lucro as transforme em loteamento e cidades-jardins, como em alguns pontos já se verifica. Incomoda-me, principalmente, ver que as medidas que se impunham no caso são proteladas ou esquecidas, como a desapropriação dessas terras e a adoção de uma reforma agrária inteligente, com a previsão de núcleos de apoio agrícola. E as imagino já trabalhadas, cobertas de densa vegetação e o colono, livre da exploração em que se debate – mais alegre e confiante –, sentindo a terra generosa e a vida mais justa para todos.

Minha permanência em Brasília começou quando tudo era deserto e solidão, quando somente a obra do Catetinho⁸ se iniciava, local em que pela primeira vez pernoitei, em companhia dos meus amigos João Milton Prates⁹, César Prates¹⁰, Dilermando Reis¹¹, Emílio Rocha, Juca Chaves¹² e Roberto Penna¹³, que a realizaram. Gostava de ficar conversando com o Rochinha, depois do almoço, ambos deitados em redes debaixo das mangueiras, integrados naquela santa paz do planalto que até a natureza, quieta e seca, parecia respirar. Como dois meninos, ríamos de tudo, contando anedotas, falando do Rio e dos amigos, como se o tempo tivesse voltado atrás, como se a menini-

ce de novo nos envolvesse num recreio permanente, sem os problemas que já adultos nós muitas vezes provocamos.

Mas minha transferência para Brasília, como já disse, só se efetivou em agosto de 1958, para se estender até hoje, integrado na terra, apoiado pelos amigos que me acompanharam, absorvido pelo trabalho que tanto me atraía.

Nos primeiros tempos, vivi como os demais colegas, numa residência da Fundação da Casa Popular. Era uma casa simples e acolhedora e meu mobiliário se resumia, no quarto, a uma cama, um armário e um caixote, e, na sala, a um sofá, uma mesa e quatro cadeiras. Apesar dos desconfortos, minha casa estava sempre cheia de companheiros, que nela entravam e saíam como se estivessem no próprio escritório. À noite, lá nos reuníamos em longas conversas, não raro fazendo grandes batucadas, tocando violão e pandeiro, batendo em latas e copos, com uma alegria que a solidão provocava. Ou saíamos para a Cidade Livre, cujo ambiente de far-west nos atraía. Frequentávamos, de preferência, o Olga's bar, onde uma freguesia de aparência exótica se divertia, dançando animadamente numa euforia que o álcool estimulava, com as botas sujas de lama, no meio da algazarra dos que se sentavam em volta da pista. Lá ocorriam as cenas mais estranhas e brigas inesperadas.

Mas à noite, ao recolher-me, ou quando todos se retiravam, sentia-me por demais só, e uma angústia enorme me invadia. Na manhã seguinte, porém, já acordava com os amigos batendo na janela, com os passarinhos, que colocava junto ao quarto, em grande alarido, e esquecia a angústia passada, seguindo os companheiros para o trabalho.

Tudo isso fortificava entre nós uma amizade segura, diariamente comprovada, essencial ao nosso trabalho.

3

Ligado a um empreendimento tão vasto e complexo, tive naturalmente de manter os contatos humanos mais variados. Lidei com gente de todos os tipos, de todas as procedências, de todas as qualidades.

Mesmo entre os que dirigiam o empreendimento observava esses contrastes, que não se limitavam às condições profissionais de competência e dedicação, mas, também, às de temperamento e caráter.

Conheci homens da melhor formação moral, homens que se entregavam a Brasília de corpo e alma, afastando, para nela colaborar, interesses pessoais de toda ordem, e outros que se caracterizavam pelo espírito aventureiro ao qual, a par de um interesse sincero pela obra, não faltava o de fazer fortuna. Eram diferenças de atitude e temperamento. Incomodavam-me, porém, pois com estes mantinha contatos de trabalho; não estavam profissionalmente à altura das funções que exerciam e, não o percebendo, se faziam impertinentes pelas intervenções inoportunas e desnecessárias, sugerindo modificações nos projetos e obras em execução. Obrigado pelas minhas funções a atendê-los e a com eles discutir, lembro-me de como me revoltavam essas conversas inúteis e sem objetivo, como se falássemos línguas diferentes. E a tal ponto chegaram os descertos, que um amigo de São Paulo – como para lhes mostrar – enviou-me cópia das recomendações do Papa

Pio II¹⁴, que já no século XV, ameaçado das mesmas incoerências, advertia: “Quem modificar a arquitetura, a bran-
cura das paredes, a colocação de santos e quadros, será
excomungado”, e prosseguia, dirigindo-se ao seu arquite-
to: “Você fez bem em enganar-me com relação ao custo
das obras, pois se o soubesse não teria as realizado”. Trata-
va-se de uma pequena cidade que acabava de construir.

Agora com a obra realizada – ou afirmada – já não
vejo com a mesma impaciência essas incompreensões,
que acredito serem motivadas muitas vezes por um im-
pulso de sincera colaboração, mas, de qualquer forma,
sou obrigado a reconhecer que com isso perdemos tem-
po e nos desgastamos. Mas, se soubemos contornar to-
dos esses embaraços, se soubemos, embora às vezes em
regime de briga, preservar nosso trabalho e os compro-
missos profissionais que para nós ele representava, valeu-
nos para isso o apoio incondicional que Juscelino
Kubitschek nos prestou. Sobre ele, sobre sua atuação em
Brasília, redigi um artigo que transcrevo:

“Poucas vezes tenho-me referido a Juscelino
Kubitschek, mas agora, depois de tantos anos de contato,
nas vésperas de ele se despedir do governo, é com satisfa-
ção que o faço, certo de tratar-se de figura excepcional
da vida de nosso país. Nosso primeiro encontro ocorreu
em 1940, quando, em companhia do meu velho amigo
Rodrigo Melo Franco de Andrade¹⁵, fui procurá-lo em
Belo Horizonte para conversarmos sobre o projeto do
Cassino de Pampulha. Conversa que não posso esquecer,
principalmente quando ele – com o mesmo dinamismo
de hoje – me pediu que elaborasse o projeto para o dia
seguinte, desejo que atendi, desenhando-o à noite no
quarto do antigo Grande Hotel, onde me hospedara.

“Lembro-me da luta que manteve para construir Pampulha, convicto de que seria para Belo Horizonte um bairro admirável, cheio de atrações e alegria. E, mais tarde, das dificuldades que surgiram, das incompreensões que tanto o embaraçaram e que ele – como agora, na escala muito maior de Brasília – soube vencer, com uma tenacidade sem limites. Mas sobre o nosso contato nesses três anos de luta em Brasília é que desejo fixar-me.

“Recordo-me da primeira viagem que fizemos a Brasília, para conhecer o local, e do entusiasmo que Juscelino Kubitschek demonstrou diante daquela zona imensa e abandonada, que a todos assustava, sonhando-a urbanizada, cheia de casas e apartamentos, cortada pelas estradas que depois surgiram, levando o progresso e o conforto para aquele sertão.

“Revejo-o também, já então no Catetinho, examinando com interesse plantas e maquetas e iniciando com energia a execução das obras. E, principalmente, quando, à noite, naquelas frias noites de Brasília, discutia detalhes da cidade ainda em elaboração, lembrando soluções e exemplos, numa exaltação do mais puro entusiasmo. Depois considero como estudou a forma de realizar o empreendimento, convocando empreiteiros e representantes de institutos, com os quais, durante meses, manteve as reuniões mais exaustivas.

“E, paralelamente, como procurava esclarecer e divulgar os objetivos de Brasília, fazendo palestras e conferências que infundiram, inclusive entre seus auxiliares, a convicção de que a obra se impunha e era imprescindível terminá-la nos prazos fixados. Parece-me estar a vê-lo nas reuniões mais difíceis, apurando deficiências e chamando à ordem os responsáveis, para logo depois com

eles confraternizar, sempre compreensivo e generoso em relação às pequenas falhas, certo de que o trabalho era duro e exigia antes de tudo um ambiente de confiança e boa vontade.

“Sensível aos interesses dos seus amigos e auxiliares, Juscelino Kubitschek preocupava-se, entre outras coisas, com minha situação econômica, pois sabia que fechara o escritório no Rio para dedicar-me exclusivamente a Brasília, percebendo um ordenado, a seu ver, irrisório.

“Por esse motivo, telefonou-me certa noite comunicando que eu fora convocado para elaborar – em caráter particular – os projetos do Banco do Brasil e do Banco do Desenvolvimento Econômico em Brasília.

“Diante da minha recusa – pois não desejava aceitar projetos particulares – Juscelino Kubitschek não se conteve: ‘É melhor você deixar a NOVACAP.’ Era o amigo que, desejando minha colaboração, preferia perdê-la a saber-me prejudicado.

“Mas o que mais impressionava em Juscelino Kubitschek era o seu entusiasmo permanente. Lembrome, por exemplo, do que me disse certa manhã, com a maior simplicidade: ‘Ontem, não consegui dormir, pensando no projeto do Palácio.’ Isto, dito por um presidente absorvido por tantos problemas e responsabilidades, basta para caracterizá-lo como um homem diferente, sensível às coisas de espírito, da beleza e poesia. E, para um arquiteto, impressionava, ainda, observar como Juscelino Kubitschek tinha a visão clara dos problemas de arquitetura e urbanismo; com que simplicidade e coragem aceitava as soluções mais difíceis de realização, soluções que não raro agravavam questões econômicas, comprometiam prazos etc., lutando por elas como se

fosse o próprio arquiteto, seguro de que eram justas e indispensáveis.

“Serve de exemplo a construção da plataforma do Eixo Rodoviário, obra caríssima, que um presidente menos sensível ou mais oportunista teria adiado ou evitado, considerando os problemas econômicos e construtivos que dela decorreriam, principalmente baseando-se no argumento simplista de que não era indispensável à mudança da Capital. Sabia Juscelino Kubitschek, no entanto, por intuição e experiência, que se tratava de obra fundamental para a cidade, tal como fora projetada, e que outro governo menos entusiasta por Brasília não a levaria avante. Isso bastou para que tomasse sob sua responsabilidade e, contra todos os argumentos, a concluísse.

“Nunca lhe propus a aquisição de uma obra de arte que ele julgasse imprópria ou excessivamente cara, nem tampouco um projeto que não lhe despertasse ao menos uma palavra generosa. Suas ponderações sempre estiveram na escala do empreendimento, na escala de sua imaginação de homem de visão e de gosto apurado, que compreendia Brasília não como uma cidade qualquer, vulgar e provinciana, mas como a Nova Capital de uma grande nação.

“Homem de coragem e de fé, Juscelino Kubitschek é dotado ainda das melhores qualidades de sentimento, qualidades que não lhe permitem persistir numa ação punitiva, embora justa; numa palavra dura, embora necessária; mas, apenas, nas reações de generosidade e simpatia.

“Raramente falei com Juscelino Kubitschek sobre política, receoso de importuná-lo com minhas opiniões de homem de esquerda, sentindo não encontrar nesse assunto a receptividade que sempre me dispensou.

“Limitava-me, como seu amigo, a aguardar, apreensivo, suas decisões na política externa, sabendo-o não raro mal assessorado e cercado de obstáculos de toda ordem.

“E era com pesar que tomava conhecimento de fatos lamentáveis como a atuação da delegação brasileira da ONU, subserviente aos interesses dos Estados Unidos, esquecida da unidade que os povos da América Latina reclamam na defesa dos seus interesses e que naquela ocasião a grandeza da revolução cubana com tanta razão suscitava. Ou então como se protelava o reatamento de relações diplomáticas com os países socialistas, que o governo norte-americano desaconselhava, embora as mantivesse no tocante a seu próprio país. E, ainda, as demonstrações de solidariedade com os regimes totalitários de Portugal, Espanha, Paraguai e Formosa, indiferentes à sorte desses povos tão oprimidos e desamparados.

“Tudo me incomodava, embora tendo eu a certeza de que Juscelino Kubitschek possuía as qualidades humanas indispensáveis para assumir a posição corajosa e realista que a América Latina reclama, qualidades que lhe permitiram lutar decididamente contra as reações internas, mantendo um regime de liberdade política que, de tão omitida, o povo brasileiro já começava a esquecer.

“Estas as principais características de Juscelino Kubitschek que, em plena luta, encontrava tempo para amar a vida, a família e os amigos, e sonhar com a cidade que erguia em pleno sertão.”

4

Outro companheiro que não posso deixar de mencionar, embora não tenha tido com ele convivência muito pacífica, é Israel Pinheiro¹⁶, que acompanhou as obras desde o início com maior dedicação. A seu respeito ouvi certa vez o seguinte: “Israel Pinheiro é homem de grandes defeitos e de grandes qualidades.” Mas, entre seus defeitos, incomodava-nos principalmente o espírito personalista, que não permitia fossem os assuntos debatidos regularmente, o trato áspero, quase de senhor de engenho, que nos impedia um contato mais íntimo, pelo menos para mim, que não saberia evitar atrito se provocado gratuitamente.

Tudo isso nos afastava naqueles anos de Brasília, apesar de sabê-lo de coração brando, às vezes generoso, capaz de um gesto de apoio e solidariedade. Às suas qualidades positivas se aliava um entusiasmo de jovem e uma disposição para o trabalho que a todos serviram de exemplo. Mas, para a obra de Brasília, Israel Pinheiro foi sem dúvida um grande auxiliar de Juscelino Kubitschek, e suas intransigências foram-lhe possivelmente úteis na execução da mesma, evitando as discussões e consultas que, embora necessárias à unidade dos trabalhos, talvez prejudicassem o ritmo que Brasília exigia. Divergi bastante de Israel Pinheiro, mas com isso nos fizemos conhecer e respeitar.

Se nem todos os entendimentos pessoais foram fáceis, alguns se mantiveram num clima de constante finura e amizade. Lembro-me de quando, no auge dos trabalhos, às vésperas da mudança, escrevi a Lúcio Costa contando-lhe o entusiasmo que tivera ao percorrer o Eixo Rodoviário, vendo as quadras de habitação completando-se, com os blocos de apartamentos distribuídos entre jardins que já se insinuavam, enriquecidos no contraste com os prédios pequenos complementares (escolas, comércio etc.), em final de construção, da unidade de vizinhança.

E falei-lhe da Estação Rodoviária e do Setor Ministerial, cujos espaços livres e volumes foram tão bem concebidos por ele, mencionando-lhe a emoção que senti diante da dignidade desse conjunto e do contraste que marcava com a Praça dos Três Poderes, de formas mais ricas e variadas; e concluí, dizendo: “Não sei por que lhe escrevo tudo isso, sinto ser uma carta desnecessária.” E Lúcio respondeu-me: “Li comovido a sua bela carta. Necessária. A amizade, mesmo velha, precisa ser regada de quando em quando. E fico satisfeito por saber que você, apesar dos pesares, tem momentos de felicidade nessa tarefa gigantesca de dar forma e expressão definitivas à cidade, esquecendo os contratempos e contrariedades para se deter apenas no que conta e perdura.”

5

Na execução dos trabalhos, tivemos muitos obstáculos a vencer, problemas que a urgência e a dificuldade de transporte acentuavam, impedindo-nos, muitas vezes, de utilizar nos projetos o material desejado, para que as obras seguissem dentro dos cronogramas. Tivemos, assim, de transigir, elaborando em quinze dias projetos que normalmente exigiriam dois ou três meses de trabalho, simplificando e alterando especificações, evitando materiais de importação que, embora adequados, criariam dificuldades econômicas e alfandegárias, além de uma competição com a indústria brasileira que nos cabia proteger. Daí aceitarmos soluções conciliatórias, conscientes da realidade nacional que Brasília teria de exprimir e do objetivo principal a atender, que consistia em definir a cidade em termos irreversíveis antes de 21 de abril de 1960.

Mas não nos defrontávamos apenas com os problemas técnicos, econômicos etc. – por si mesmos enormes – que a construção de uma cidade apresenta. Outros surgiram ou se agravaram pela incompreensão e pela campanha sistemática que contra Brasília os inimigos do governo realizaram. Campanha que inicialmente fora subestimada, mas que, aos poucos, à proporção que a obra se afirmava, cresceu e tomou corpo, numa tentativa frustrada de impedir a realização do empreendimento. Irri-

tava-nos a improcedência das críticas deliberadamente negativas; incomodava-nos principalmente a falta de generosidade com que julgavam tanto esforço e tanto sacrifício. Felizmente, a repulsa que tudo isso nos causava provocou uma reação positiva, levando-nos ao trabalho com maior determinação e mais senso de responsabilidade.

É verdade que encontro algumas falhas em meu trabalho, mas conforta-me a convicção de que, com espírito crítico, será fácil, encontrá-las em qualquer obra de arquitetura. Poderia justificá-las, em parte, com a premência de tempo. Sou, porém, de opinião que justamente essa premência se converte em fator favorável, porque permite ao arquiteto – fixada uma solução arquitetônica – evitar modificações posteriores e preservá-la, assim, em toda a sua pureza e espontaneidade.

Os visitantes estrangeiros em sua maioria se entusiasmaram com Brasília, embora entre eles alguns poucos assumissem atitudes de superioridade e suficiência, que seus trabalhos – não raro medíocres – não deveriam permitir. Nada disso nos preocupava. Preocupava-nos apenas a necessidade de terminar as construções dentro dos prazos estabelecidos, e fazê-las com liberdade, para que pudessem constituir uma contribuição nova à arquitetura atual, que caminha, lamentavelmente, para a repetição e a vulgaridade. E, como para esclarecer meu ponto profissional, elaborei um artigo, do qual transcrevo este trecho:

“Forma e Função: aprecio a crítica de arte, muitas vezes justa e honesta, mas sou de opinião que o arquiteto deve conduzir seu trabalho de acordo com suas próprias tendências e possibilidades, aceitando-a sem revolta ou submissão, por sabê-la não raro justa e construtiva, mas

sempre sujeita a uma comprovação que somente o tempo pode estabelecer.

“Inúmeros são os exemplos que justificam esse ponto de vista e inúmeras as obras que, antes incompreendidas, se impõem, posteriormente, ao respeito e admiração de todos.

“Neste capítulo tenho em vista abordar o assunto e especular sobre os problemas da forma na arquitetura. É um depoimento de arquiteto, sem nenhuma pretensão teórica ou de erudição, baseado apenas no meu trabalho e na minha experiência profissional.

“Considero que uma obra de arquitetura, para assumir categoria de obra de arte propriamente dita, precisa, como condição básica, apresentar um conteúdo mínimo de criação, ou seja, uma contribuição pessoal do arquiteto. Sem isso, ela se limita a uma repetição de formas e soluções já conhecidas, produções de escolas que aos poucos se vão tornando acadêmicas e superadas.

“Sou a favor de uma liberdade plástica quase ilimitada, liberdade que não se subordine servilmente às razões da técnica ou do funcionalismo, mas que constitua, em primeiro lugar, um convite à imaginação, às formas novas e belas, capazes de surpreender e emocionar pelo que representem de novo e criador; liberdade que possibilite – quando desejável – uma atmosfera de êxtase, de sonho e poesia. É claro que essa liberdade não pode ser usada indiscriminadamente. Nos locais urbanos, por exemplo, sou, ao contrário, pela sua limitação, ou melhor, pela preservação da unidade e harmonia dos conjuntos, com o afastamento de soluções que a eles não se integram plasticamente, sejam, embora, belas e de alto nível arquitetônico. Como esse objetivo, em Brasília, nos setores urbanos a que me referi, fixamos volumes, espaços livres, alturas,

materiais de acabamento externo etc., tendo em vista impedir que a cidade cresça, como as demais cidades modernas, num regime de desarmonia e confusão. Mas, nas casas individuais, nos prédios afastados, cercados de áreas livres, garantimos uma total liberdade de concepção, dentro, é lógico, das regras de proporção que a arquitetura exigiu.

“Entretanto, contra esse critério de liberdade plástica se levantam certos setores da arquitetura contemporânea. São os tímidos, os que se sentem melhor e mais seguros dentro de regras e limitações, limitações que não lhes permitem uma fantasia, uma transigência, uma contradição com os princípios funcionalistas que adotam e que os levam, passivamente, a soluções às vezes vulgares, de tão repetidas. Para argumentar, defendem intransigentemente o princípio do funcionalismo, as razões construtivas, as conveniências de padronização etc., argumentos que não se afirmam quando se trata de obras especiais para as quais o problema econômico é secundário. Apela ainda para razões de ordem social que julgam exigir obras simples e econômicas, como se esse argumento já não estivesse superado, pelo menos para aqueles que se interessam realmente pela questão social e sabem que sua solução foge às atribuições do arquiteto ou da arquitetura, reclamando, fora da profissão, uma atitude coerente, de apoio aos movimentos progressistas. Reagem em posição de defesa contra a especulação plástica dos elementos das estruturas, que desejam rigorosamente funcionais, especulação que consideram formalística e contrária às razões técnicas, esquecendo-se de que também assumem compromissos dessa ordem, sem dúvida mais graves e para eles mais difíceis de explicar.

“Exigem, por exemplo, que as soluções se contendam em plantas simples e compactas, visando a volumes puros geométricos – solução que as vezes adoto, mas que não aceito como um dogma – e para isso acomodam, dentro dessas formas preestabelecidas, programas complexos (Des. 1, p. 41) que exigiriam, justamente para atender às razões funcionais que tanto defendem, partidos diferentes e recortados (Des. 2. p. 42).

“Assim, para manter o purismo desejado, o purismo aparente, criam o verdadeiro formalismo, o formalismo mais grave e incontestado, porque não se resume na especulação plástica de elementos estruturais de arquitetura, mas no seu próprio desvirtuamento, no que ela apresenta de básico e funcional por excelência. E, sem sentir, fixam detalhes arquitetônicos que se repetem e se impõem como características de uma nova escola, que tende para o formalismo e a monotonia, fazendo com que os prédios percam o caráter indispensável que sua finalidade e suas conveniências programáticas deveriam sugerir. Nesse sistema, edifícios públicos, escolas, teatros, museus, residências etc., passam a ter aspectos idênticos (Des. 3, p. 43), apesar de seus programas tão diversos, programas que, bem aproveitados, deveriam conduzir a soluções do maior interesse, com a utilização da técnica moderna em toda a sua plenitude.”

Com esses comentários, não pretendo assumir uma posição de combate à corrente em apreço, mas demonstrar somente a fraqueza dos argumentos com que seus adeptos e os críticos que a apóiam procuram subestimar a arquitetura mais livre e criadora que prefiro e que, na verdade, a alguns apenas assusta e intimida.

Dentro dessa arquitetura, procuro orientar meus projetos, caracterizando-os sempre que possível pela própria estrutura. Arquitetura nunca baseada nas imposições radicais do funcionalismo, mas, sim, na procura de soluções novas e variadas, quando possível lógicas, dentro do sistema construtivo. Isso, sem temer as contradições de forma com a técnica e a função, certo de que permanecem, unicamente, as soluções belas, inesperadas e harmoniosas. Com tal objetivo, aceito todos os artificios, todos os compromissos, convicto de que a arquitetura não constitui uma simples questão de engenharia, mas uma manifestação do espírito, da imaginação e da poesia.

No Palácio do Congresso, por exemplo, a composição se formulou em função desse critério, das conveniências da arquitetura e do urbanismo, dos volumes, dos espaços livres, da profundidade visual e das perspectivas e, especialmente, da intenção de se lhe dar um caráter de alta monumentalidade, com a simplificação de seus elementos e a adoção de formas puras geométricas.

Daí decorreu todo o projeto do Palácio e o aproveitamento da conformação local, de maneira a criar no nível das avenidas que o ladeiam uma esplanada monumental e sobre ela fixar as cúpulas que deviam hierarquicamente caracterizá-lo (Des. 4, p. 44). Tivesse estudado o Palácio com espírito acadêmico, ou me tivesse preocupado com as críticas, teríamos uma construção em altura (Des. 5, p. 45), cortando a a visão (Des. 6, p. 46) que a muitos surpreende pela imponência, com a vista que hoje se estende em profundidade, além do edifício, acima da esplanada, entre as cúpulas, abrangendo a Praça dos Três Poderes e os demais elementos arquitetônicos que a compõem, somando-os plastica-

mente e tornando, assim, a perspectiva do conjunto muito mais rica e variada (Des. 7, p. 47).

Já nos Palácios do Planalto, do Supremo e da Alvorada, limitei-me a especular sobre a forma dos suportes ou das colunas propriamente ditas. Não desejava adotar as seções usuais, colunas cilíndricas ou retangulares – muito mais simples e econômicas –, mas procurar outras formas que, mesmo contrariando certas exigências funcionalistas, caracterizassem os edifícios, dando-lhes maior leveza, situando-os como que soltos ou apenas suavemente pousados no solo (Des. 8 p. 48). Isso justifica as formas adotadas e as extremidades em vértice, formas que dão aos visitantes aspetos novos e inesperados; ora numa seqüência de curvas harmoniosas, ora, quando ele se situa no centro da Praça dos Três Poderes – conforme comentou Jean-Paul Sartre¹⁷ –, como que o envolvendo em leque com seu jogo plástico; ora se modificando, assumindo aspetos diferentes, como se não fosse uma coisa inerte e estática (Des. 9 p. 49). Agrada-me sentir que essas formas garantiram aos palácios, por modestas que sejam, características próprias e inéditas e – o que é importante para mim – uma ligação com a velha arquitetura do Brasil colonial. Não com utilização simplista de elementos daquela época, mas exprimindo a mesma intenção plástica, o mesmo amor pela curva e pelas formas ricas e apuradas que tão bem a caracterizam.

Mas, na concepção desses palácios, preocupou-me também a atmosfera que dariam à Praça dos Três Poderes. Não a pretendia fria e técnica, com a pureza clássica, dura, já esperada das linhas retas.

Desejava vê-la, ao contrário, plena de formas, sonho e poesia, como as misteriosas pinturas de Carzou¹⁸. For-

mas novas, que surpreendessem pela leveza e liberdade de criação. Formas que não pesassem no chão, como uma imposição técnica, mas que mantivessem os palácios como que suspensos, leves e brancos, nas noites sem fim do Planalto. Formas de surpresa e emoção, que alheassem o visitante – ainda que por instantes – dos problemas difíceis, às vezes invencíveis, com que a vida a todos aflige.

6

É certo que muitas vezes nos sentimos cansados de tanta luta e trabalho, o que justifica algumas atitudes intransigentes, e até violentas. Tudo, felizmente, motivado pelo mais puro idealismo, permitindo-nos sempre um desfecho de confraternização. Por outro lado, tínhamos, também, momentos de alegria e confiança, vendo que a obra caminhava dentro dos planos e que nosso trabalho não a comprometia. Víamos com satisfação que o Plano Piloto de Lúcio Costa era justo e certo, que se adaptava bem ao terreno, às suas conformações, e que os espaços livres e volumes previstos eram belos e equilibrados.

E sentíamos que a atmosfera procurada já estava presente, uma atmosfera de digna monumentalidade, como a Capital requer, com os ministérios se sucedendo numa repetição disciplinada e a Praça dos Três Poderes rica de formas e, ao mesmo tempo, sóbria e monumental. Pensávamos em tudo isso, como se a obra já estivesse realizada, antevendo a cidade pronta, imaginando-a à noite, com a Praça dos Três Poderes iluminada, numa iluminação feérica e dramática, em que a arquitetura se destacava branca, como que flutuando na imensa escuridão do Planalto. Diante da leveza de certas estruturas, lembrávamo-nos então do grande companheiro Joaquim Cardozo, que tudo nos permitiu realizar, completando nosso trabalho com uma sensibilidade e um interesse inexcedíveis. Esses eram

alguns dos momentos felizes de Brasília, que nos davam ânimo para prosseguir na tarefa que Juscelino Kubitschek nos confiara. Saíamos pelas estradas em construção, percorrendo as obras em andamento, procurando acertar possíveis e inevitáveis enganos, conscientes de nossas fraquezas, mas tentando fixar um nível arquitetônico compatível com a nova Capital do país. Constrangia-nos apenas verificar que, para os operários, seria impraticável manter as condições de vida que o Plano Piloto fixara, situando-os, como seria justo, dentro das áreas de habitação coletiva e permitindo que ali seus filhos crescessem fraternalmente com as crianças de Brasília, sem complexos, aptos às reivindicações que o tempo lhes irá proporcionar. Víamos, com pesar, que as condições sociais vigentes colidiam nesse ponto com o espírito do Plano Piloto, criando problemas impossíveis de se resolver na prancheta, mesmo apelando-se – como alguns mais ingênuos sugerem – para uma arquitetura social a que nada conduz sem uma base socialista.

Compreendíamos, assim, que a única solução que nos restava era continuar apoiando os movimentos progressistas que visam a criar um mundo melhor e mais feliz.

7

Depois de três anos de Brasília, com a cidade já em funcionamento, sinto como se tudo não tivesse passado de um sonho fabuloso.

Obstáculos, incompreensões, provas de afeto e solidariedade, tudo que nos emocionou se dilui agora numa lembrança amena, sem ressentimentos, plena de confiança e concórdia. As atitudes adversas, perdidas no tempo, já não provocam aquela revolta que a defesa da obra justificava; parecem-nos mais humanas, quase inocentes e inevitáveis.

As outras, as demonstrações de apreço e simpatia, essas, ao contrário, cresceram em minha lembrança, mais puras e sentidas. Há no meu subconsciente como que uma tendência ao equilíbrio e à reconciliação, ordenando o que Brasília suscitou nesses três anos de lutas.

Lembro-me, por exemplo, do senador meu amigo que se declarou, na Praça dos Três Poderes, entusiasmado com Brasília, com seu urbanismo e sua arquitetura, para depois acrescentar, cauteloso: “Isso é uma conversa particular.” Já não vejo em suas palavras a intenção precavida que antes me chocara, mas apenas uma posição política apaixonada.

Lembro-me, também, sem rancor, de certos congressistas que sempre reclamavam, fazendo as objeções mais descabidas, sugerindo – apesar de leigos, às vezes provincianos – as soluções mais disparatadas, agindo em

relação ao Palácio do Congresso como se se tratasse de suas próprias casas, esquecidos da transitoriedade dos cargos que ocupavam. Para equilibrar tanta incompreensão, ocorre-me logo que a maioria dos parlamentares foi cordial comigo e que nos entendimentos pessoais nenhum procurou atingir-me de forma indelicada ou descortês e que muitos, ao contrário, afastavam interesses partidários para aceitar soluções que honestamente lhes propunha. E penso, conciliador, que todos os desentendimentos se prenderam a questões de princípio relacionadas com o funcionamento do Congresso que, acertadas de início, foram depois recusadas pelas novas comissões de sede, originando as modificações que tanto nos constrangiam.

O mesmo sentimento de confraternização me domina com relação a alguns críticos de arte e cronistas dos jornais da oposição, não raro superficiais, não raro subservientes aos interesses de seus superiores, cujas atitudes, às vezes odiosas, começo a esquecer, mesmo sabendo-as injustas e levianas, tendo em vista o sentido nacional que Brasília já representava, difundida no exterior como expressão da capacidade e do esforço de nosso povo. E recordo-me, agradecido, como me foram úteis e confortadoras as manifestações de apoio que paralelamente recebia, as mais diversas, e muitas de homens altamente qualificados, estabelecendo com as críticas a que me referi um contraste de valores quase humilhante, fazendo-me esquecer-las ou desprezá-las.

E isso se acentuava quando o elogio partia de uma personalidade como Le Corbusier²⁰ – o líder máximo da arquitetura contemporânea – que me permito repetir: “Je pense souvent à vous et a votre magnifique travail. Bravo!”

8

Com a mudança da Capital, Brasília mudou muito. Vemos com pesar que o ambiente se transformou por completo, perdendo aquela solidariedade humana que antes o distinguia, que nos dava a impressão de viver num mundo diferente, no mundo novo e justo que sempre desejamos. Vivíamos naquela época como uma grande família, sem preconceitos e desigualdades. Morávamos em casas iguais, comíamos nos mesmos restaurantes, freqüentávamos os mesmos locais de diversão.

Até nossas roupas eram semelhantes. Unia-nos um clima de confraternização proveniente de idênticos desconfortos. Agora, tudo mudou, e sentimos que a vaidade e o egoísmo aqui estão presentes e que nós mesmos estamos voltando, pouco a pouco, aos hábitos e preconceitos da burguesia que tanto detestamos.

Passamos a nos preocupar com a indumentária e a freqüentar locais de luxo e discriminação. Vemos os nossos companheiros – os mais humildes – apenas de passagem e sentimos que uma barreira de classe nos separa novamente. Nossas casas perderam aquele aspecto proletário que antes nos atraía, como se fossem as suas próprias casas, ou um prolongamento do nosso escritório, e o conforto que hoje desfrutamos – embora modesto – os assusta e intimida, retendo-os à nossa porta, como se aguardando um convite indispensável.

A conversa perdeu aquele calor humano – simples e inocente – que nos refazia, conduzida agora pelos que chegam – com nossa repulsa – para assuntos de lucros e especulações. Apenas aqueles companheiros não mudaram, com as misérias e reivindicações de sempre.

Brasília mudou muito e isso nos deprime, apesar de compreendermos as contingências decorrentes da cidade que cresce e que, durante algum tempo pelo menos, representará o regime capitalista, com todos os seus vícios e injustiças.

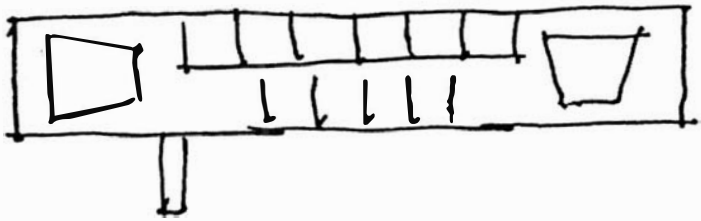
Somos, entretanto, otimistas. Breve, a ilusão que perdemos será realidade.

9

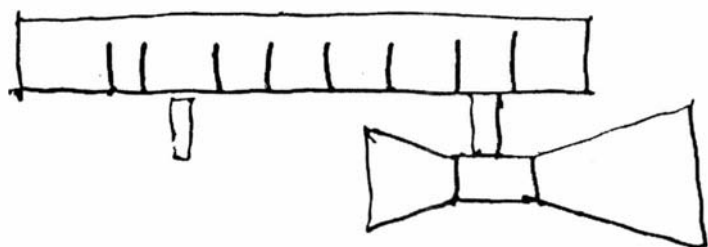
Estas as minhas lembranças de Brasília, cidade que Juscelino Kubitschek ergueu no centro do Brasil, com audácia e confiança ilimitadas. Cidade que acredito bela, baseada num traçado humano e realista, enriquecida por uma arquitetura em que está presente – por modesto que seja – o conteúdo de criação indispensável às obras de arte. Arquitetura que desejamos funcional, mas, antes de tudo, bela e criadora.

E espero que Brasília seja, também, uma cidade de homens felizes; homens que sintam a vida em toda a sua plenitude, em toda a sua fragilidade; homens que compreendam o valor das coisas simples e puras – um gesto, uma palavra de afeto e solidariedade.

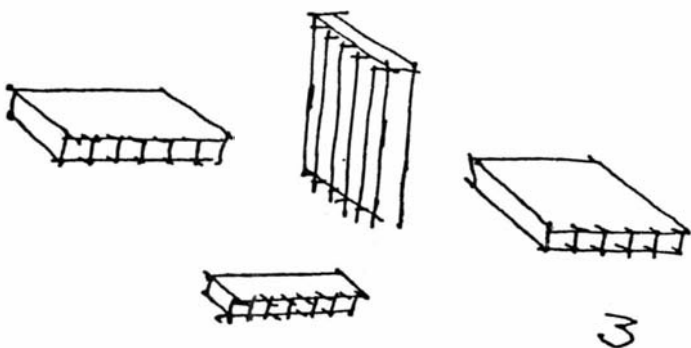
Desenhos



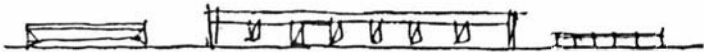
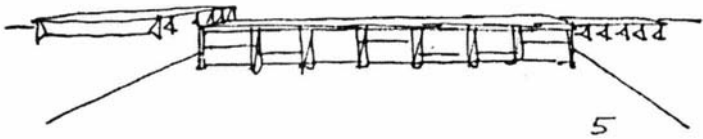
1

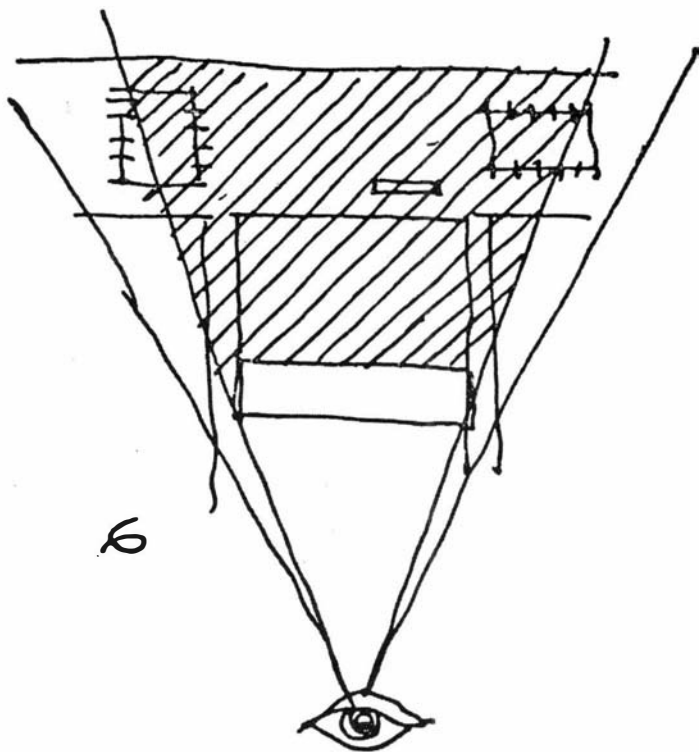


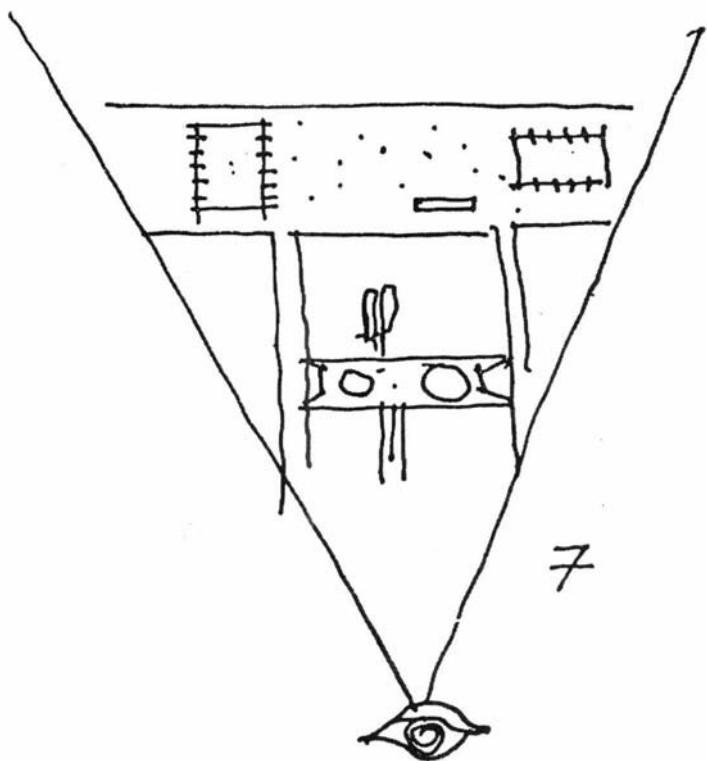
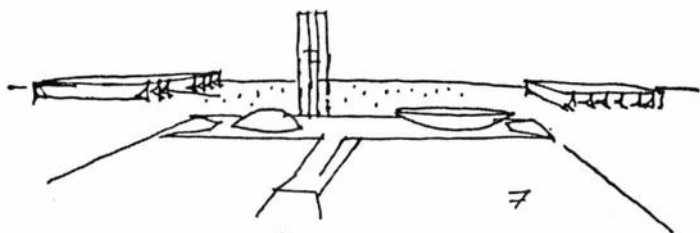
2

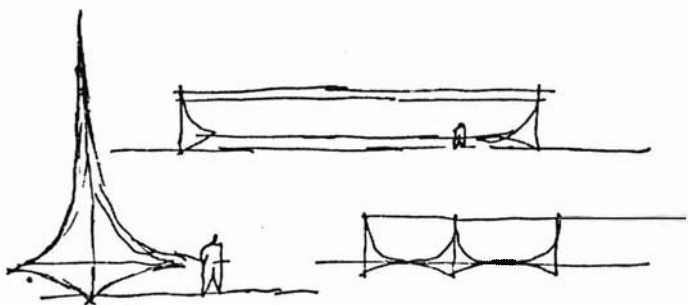




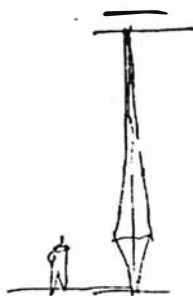


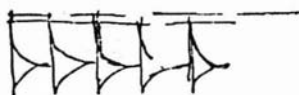
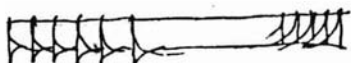




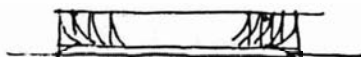


8

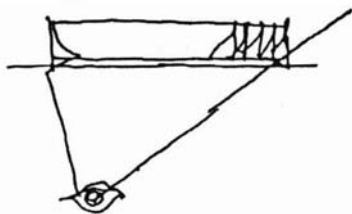




9



9



Notas

¹ **Joaquim Maria Moreira Cardozo.** Arquiteto e poeta pernambucano, nasceu em 1897. Integrou a equipe de calculistas de projetos de Oscar Niemeyer. Faleceu em Recife em 1978.

² **Lúcio Costa.** Arquiteto e urbanista brasileiro, nasceu em Toulon, na França, em 1902. Dirigiu a equipe responsável pelo projeto do Ministério da Educação, hoje Palácio Gustavo Capanema, no Rio. Autor do Plano-Piloto de Brasília e do Plano Diretor da Barra da Tijuca no Rio. Faleceu no Rio em 1998.

³ **NOVACAP.** Companhia Urbanizadora da Nova Capital, responsável pela construção de Brasília.

⁴ **Praça de São Marcos.** Praça localizada na cidade de Veneza, Itália, famosa por sua beleza arquitetônica vista, por exemplo, no Palácio dos Doges, residência do governante da antiga República de Veneza.

⁵ **Catedral de Chartres.** Catedral construída em estilo gótico, entre os séculos XII e XIII, na cidade de Chartres, na França.

⁶ **Walter Garcia Lopes (Eça).** Nascido em Franca (SP), sem profissão definida, cultivava amizades entre as rodas de intelectuais e artistas que frequentava.

⁷ **Bernardo Sayão.** Nascido no Rio de Janeiro em 1901, diplomou-se pela Escola Superior de Agronomia e Medicina Veterinária de Belo Horizonte – MG. Entusiasta defensor da interiorização da Capital, foi um dos primeiros diretores da NOVACAP. Um dos responsáveis pela construção da rodovia Belém-Brasília, iniciada em 1958, morreu tragicamente, no ano seguinte, atingido pela queda de uma árvore em Açailândia (MA).

⁸ **Catetinho.** Nome dado à primeira residência do presidente da República na futura capital.

⁹ **João Milton Prates.** Herói da FAB, antigo piloto e amigo de JK.

¹⁰ **César Prates.** Dono de cartório e amigo de JK.

¹¹ **Dilermando Reis.** Violonista e compositor paulista, nasceu em Guaratinguetá em 1919. Atuou na Rádio Nacional do Rio, de 1935 até o

final da década de 60. Autor de sucessos como *Magoado e Abismo de rosas*. Faleceu no Rio, em 1977.

¹² **Juca Chaves**. Construtor, foi também dono do Juca's Bar, no Rio de Janeiro; em Brasília, dirigiu a construção do Catetinho.

¹³ **Roberto Penna**. Engenheiro e pioneiro de Brasília.

¹⁴ **Papa Pio II**. Nascido Enea Silvio Piccolomini, em 1405, foi papa de 1458 até o ano de sua morte, 1464.

¹⁵ **Rodrigo Melo Franco de Andrade**. Crítico, historiador da arte e escritor mineiro, nasceu em Belo Horizonte, em 1898. Foi o criador e primeiro diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), hoje Instituto (IPHAN). Faleceu no Rio em 1969.

¹⁶ **Israel Pinheiro**. Nasceu em Caetés, MG, em 1896. Participou da Revolução de 1930. Foi constituinte de 1946; deputado federal por Minas Gerais de 1946 a 1956; presidente da NOVACAP; primeiro prefeito da nova capital federal em 1960 e governador mineiro de 1966 a 1971. Faleceu em Belo Horizonte, em 1973.

¹⁷ “Penso com frequência em vós e em vosso magnífico trabalho”.

¹⁸ **Jean-Paul Sartre**. Filósofo, romancista, dramaturgo e político francês, nasceu em Paris em 1905. Foi o fundador do existencialismo. Participou da Resistência francesa contra o nazismo. Sua obra fundamental de filosofia é *O ser e o nada*, mas escreveu dezenas de livros, entre os quais peças de teatro, ensaios críticos e um romance, *A idade da razão*. Faleceu em Paris, em 1980.

¹⁹ **Jean Carzou**. Afamado pintor de família armênia, nasceu em 1907 na Síria com o nome de Garnik Zuloumian. Estabeleceu-se na França e também ficou conhecido por suas decorações de cenários e de vestuários de óperas e balés. Faleceu em 2000.

²⁰ **Le Corbusier**. Foi como ficou conhecido Charles Édouard Jeanneret-Gris. Arquiteto, urbanista, pintor, decorador e teórico suíço, naturalizado francês, nasceu em La Chaux-de-Fonds em 1887. Foi o arquiteto-consultor do projeto do Ministério da Educação, atual Palácio Capanema, no Rio, em 1936, cuja equipe era chefiada por Lúcio Costa. Faleceu em 1965.

**Veja também de Oscar Niemeyer,
na Revan:**

Sem rodeios (conto)

Minha arquitetura – 1937-2005

Casas onde morei

As curvas do tempo (memórias)

Conversa de amigos
(cartas trocadas com
José Carlos Sussekind)

Meu sócia e eu

Diante do nada (ficção)

Conversa de arquiteto

My architecture

Museu de Arte Contemporânea

Visite nossa loja na Internet:

www.revan.com.br

Atendemos também a livrarias, diretamente.

**Se preferir, podemos atendê-lo por telefone,
e-mail, fax ou carta.**

Editora Revan

**Avenida Paulo de Frontin, 163
Rio de Janeiro – RJ – CEP: 20260-010
Tel.: (21) 2502-7495 / Fax: (21) 2273-6873**

Nossos e-mails:

***Editorial:* editorial@revan.com.br**

***Vendas:* vendas@revan.com.br**

***Assessoria:* divulg@revan.com.br**

intelectualidade que acompanhou esse esvaziamento e teve de encerrar suas atividades.

Só na década de 90 a Bloch Editores fez uma terceira edição do livro, que foi prejudicada pela falência do grupo Bloch pouco depois. Agora, a Revan oferece de novo ao público brasileiro a oportunidade de usufruir essa peça importante da literatura documental do país.

Nela, o leitor de nova geração poderá acompanhar o dia-a-dia do trabalho da construção de Brasília, uma obra com certeza sem precedente no mundo, seja por sua grandiosidade e pelo tempo breve em que foi realizada, seja pelo fato quase incrível de que, em virtude do prazo curto, os projetos eram com freqüência elaborados com o edifício já em construção. E poderá ver como, há mais de 40 anos, Oscar Niemeyer já era o escritor nato que hoje é reconhecido e admirado no país inteiro, nos 11 livros de sua autoria publicados pela Revan. O texto enxuto característico do autor, que transmite ao mesmo tempo singeleza, emoção e exatidão, já está lá, embora posteriormente Niemeyer o tenha aprimorado e levado inclusive a excursões na área de ficção.

Referências a *Minha experiência em Brasília:*

Neste pequeno livro – que é, desde logo, um documento importante – duas coisas chamaram a minha atenção: a nostalgia com que Oscar Niemeyer relembra o período de construção de Brasília, e a sua definição em face da arquitetura. Numa linguagem simples, de quem conversa, captou ele toda a atmosfera de entusiasmo e aflição, dentro da qual a cidade se ergueu, unindo seus construtores numa mesma paixão. A utopia de Lúcio Costa foi aos poucos passando para a realidade, que já então a ameaçava. E com a mesma simplicidade, sem temer os dogmas modernos, ele nos diz que a arquitetura deve ser, antes de mais nada, plasticidade e poesia. Niemeyer não ignora o escândalo que tal afirmação pode provocar na época da eficácia. Admiro a sua coragem de criador.

Ferreira Gullar

Oscar Niemeyer é honra e orgulho de todos os criadores de cultura de nossa Pátria.

Jorge Amado

Este livro de Oscar Niemeyer é um testemunho de leitura indispensável. Humano, sóbrio, apaixonante, ele traz a marca da sinceridade de um grande artista que deu tudo de si mesmo à sua maior obra. Poucos escritores saberiam encontrar tamanha justeza de expressão verbal para transmitir ao leitor atmosfera exaltante de poesia e aventura daquilo que foi o maior empreendimento arquitetônico e urbanístico de nosso tempo – a criação de Brasília.

Moacir Werneck de Castro

Oscar Niemeyer em Brasília dotou o espaço arquitetônico exterior de um sentimento de deslocabilidade que até então o mesmo não possuía, conferindo-lhe uma grande riqueza de curvatura – considerando-se essa riqueza implantada no próprio corpo da estrutura e não apenas como geralmente se fazia em elementos decorativos –, riqueza só encontrada nos espaços das artes vidreira e cerâmica. A cúpula côncava do Palácio do Congresso, na sua simplicidade e pureza, faz lembrar uma cerâmica de Artigas.

Joaquim Cardozo

